

E AINDA...

TRABALHO

► Tempo de estudo enriquece salário

Apesar de mão de obra qualificada ainda ser um desafio, pesquisa mostra que cada ano em sala de aula pode elevar ganhos dos profissionais em até 15%.

CAPA

CADA ANO DE ESTUDO PODE AUMENTAR EM
15% O SALÁRIO DOS PROFISSIONAIS
E EM 3,3% AS CHANCES DE CONSEGUIR UM
EMPREGO. NO ENTANTO, 22,2% DOS
TRABALHADORES DISPONÍVEIS SEGUEM SEM QUALIFICAÇÃO

QUANTO VALE UM TÍTULO?

CAROLINA COTTA

Os programas de mestrado e doutorado já são melhores e mais numerosos. A recente avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), de 2007 a 2010, atribuiu nota máxima a 112 programas. Subiu também a quantidade de alunos titulados: só nos últimos três anos, 139 mil brasileiros tornaram-se mestres ou doutores. A oferta de cursos de especialização também não para de crescer, sem falar nas 214 escolas técnicas inauguradas de 2007 até agora. Nunca houve tamanha oferta para a qualificação do brasileiro, embora a mão de obra desqualificada seja a maior queixa do mercado. Até que ponto, então, continuar estudando melhora a empregabilidade? Afinal, quanto vale um título?

Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), realizado em 2008, provou que cada ano de estudo completado pode aumentar em 15% o salário dos profissionais, além das chances de arrumar emprego, que aumentariam em 3,3%. Da-

dos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), publicados no comunicado "Emprego e oferta qualificada de mão de obra no Brasil: impactos do crescimento econômico pós-crise", confirmam a rápida recuperação econômica brasileira e seu impacto no mercado. Mesmo assim, nossa força de trabalho segue excedente.

Para este ano, foi projetada uma demanda de mão de obra de 16,8 milhões de ocupações. É pouco para os de 24,8 milhões de trabalhadores disponíveis, 22,2% deles sem a qualificação desejada. Ao mesmo tempo, projetou-se que 653 mil trabalhadores qualificados e com experiência profissional também fiquem sem emprego.

Não há dúvidas de que é o investimento em uma formação continuada que vai reverter o quadro, mas para

quem entende do assunto, não basta título por título. Segundo Silene Magalhães, gerente coordenadora dos programas de pós-graduação da Fundação Dom Cabral (FDC), há 10 anos o curso superior era um diferencial no mercado, mas hoje as pessoas já se formam pensando na pós: um requisito. "A geração Y tem muita pressa. Quer estar em posição de igualdade com os demais. Mas ter especialização quer dizer empregabilidade garantida? Não. Ele se iguala aos demais, mas se diferencia por outros motivos."

Já os cursos de mestrado e doutorado teriam outro foco. Para Silene, com eles o profissional se encaminha para uma vertente mais acadêmica. "Muitos optam por fazer o mestrado para preparar uma segunda carreira no futuro próximo. É como criar dois caminhos. Isso tem aumentado muito, mas não quer dizer que tenha aumento de empregabilidade. Ainda é um título mais valorizado por empresas que lidam com pesquisa e tecnologia. Não podemos generalizar, pois depende da empresa. Muitas valorizam os títulos como forma de manter seus talentos, ampliar a capacidade reflexiva, mas isso não implica aumento da remuneração."

IMPACTO NOS RESULTADOS Do ponto de vista de quem contrata, a opinião não é muito diferente. Para Maria Cristina Souza Leão, gerente geral de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Arcelor Mittal, mais importante que o título pelo título, é o conhecimento que ele pressupõe, que deve ser ligado à necessidade e à aplicabilidade no negócio. "Para uma determinada posição, não faz diferença o título se ele não estiver representando um conhecimento que vai ser aplicado ao nosso negócio e traga impacto nos resultados. Esses cursos têm que ser um meio de aquisição de competências necessárias ao negócio. O fato de ter título não asse-

gura a uma pessoa prioridade em relação a outro candidato. Valorizamos o conhecimento aplicado", defende.

Para Maria Cristina, a necessidade do título depende muito do perfil da vaga. "Pode ser que em um processo seletivo eu tenha uma pessoa com título e outra sem, mas com uma experiência muito consistente. A decisão vai depender da necessidade da empresa. Se um candidato tem um título de mestrado, mas que não tem interferência no nosso negócio, isso pode até se reverter em alguma coisa em caso de empate. Mas não posso valorizar uma competência, seja ela qual for, se ela não tem aplicabilidade para o meu negócio", afirma Cristina, que defende a necessidade dos títulos em áreas de pesquisa em desenvolvimento, nas quais de fato um mestrado ou doutorado tem peso e é requisito.

É assim para a relações-públicas Raquel Barbosa da Costa, de 27 anos, coordenadora de Relacionamento Organizacional do Hermes Pardini. Mesmo atuando na área de comunicação, o mestrado em interações midiáticas pela PUC Minas foi extremamente importante por atuar em uma empresa com foco em pesquisa. "Lido com um corpo de médicos, pesquisadores e uma assessoria científica. O conhecimento aqui é um diferencial", afirma. Mesmo que em empresas privadas ainda não seja comum um retorno em remuneração, ela experimenta uma valorização maior por parte dos colegas. "O título de mestre para mim foi, com outras coisas, um diferencial na conquista da vaga. Mas é mais importante por legitimar meu conhecimento, principalmente pela minha idade."



MARCOS MICHELIN/TM/DA PRESS

PARA RAQUEL BARBOSA, DE 27 ANOS, O TÍTULO DE MESTRE REPRESENTOU UM DIFERENCIAL NA CONQUISTA DA VAGA DE COORDENADORA DE RELACIONAMENTO ORGANIZACIONAL

Pesquisa aponta que 72% dos técnicos formados no Brasil conseguem trabalho e 65% estão na área de formação. Dados comprovam forte demanda por esses profissionais

ATORES IMPORTANTES DO DESENVOLVI- MENTO

CAROLINA COTTA

Até 2016, o número de alunos em cursos técnicos, hoje correspondente a apenas 10% dos matriculados no ensino médio, deve triplicar. Se a previsão do Ministério da Educação (MEC) se concretizar, boa parte da carência do mercado em técnicos pode ser suprida. Segundo o diretor de Políticas da Educação Profissional e Tecnológica do MEC,

Luiz Caldas, não há dúvidas de que o país vive um período importante no que diz respeito ao desenvolvimento, com uma grande demanda de profissionais formados, o que tem promovido políticas de ampliação da oferta de educação técnica e profissional.

Para Caldas, um dado associado a esse resultado da escala de desenvolvimento do país, que naturalmente gera emprego e requer novos trabalhadores, é o fato de o Brasil vir alterando seu padrão de crescimento. "A equação é simples: não existe geração de trabalho sem desenvolvimento. O cenário colocado para o Brasil é de crescimento nos setores de serviço e indústria. O incremento maior de tecnologia vai sofisticando o processo de desenvolvimento e isso implica a necessidade de um trabalhador de maior índice de qualificação. E aí está não só o técnico, mas o profissional que tem qualificação mais elevada, que acaba sendo muito solicitado e absorvido."

O técnico, como profissional das

faixas intermediárias da produção, tem um papel importante principalmente em processos mais robustos, de uma característica estrutural mais elaborada, em torno da aplicação de tecnologias. "Vivemos um período em que o país cresce a taxas expressivas. Esse é um momento em que o técnico, o profissional qualificado, é extremamente necessário. Assistimos a um processo de recuperação do crescimento não mais a partir de tecnologias simples. O que temos é um processo bastante qualificado, sofisticado. Não só os técnicos, mas os profissionais bem formados, se colocam como atores importantes", defende Caldas, que aposta principalmente nos setores petrolífero e aeronáutico como grandes demandantes de técnicos.

DIFERENCIAL Dados da Pesquisa Nacional de Egressos dos Cursos Técnicos revelam que 72% dos técnicos formados trabalham e 65% estão na área de formação. Outro dado promissor é a taxa de técnicos que deram continuidade à formação: 57% está fazendo curso superior. Caso do técnico em eletrônica Raphael Ernani Rodrigues, de 22 anos, que, além de trabalhar na área, cursa o 7º período de sistemas da informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em 2004, Raphael decidiu fazer, juntamente com o ensino médio, uma formação técnica para ter mais chances no mercado. As lições de programação que teve no curso de eletrônica lhe garantiram um estágio em uma empresa de softwares e a consequente contratação.

“

Meu maior ganho
é saber que não
fico sem
emprego.
Posso até ganhar
um salário
menor, mas
desempregado
não fico, pela falta
de mão de obra
com qualificação

”

■ **Raphael Ernani Rodrigues,**
técnico em eletrônica e programador

"Todo mundo saía do ensino médio em pé de igualdade, mas com o curso técnico tive um diferencial. Meu maior ganho é saber que não fico sem emprego. Posso até ganhar um salário menor, mas desempregado não fico, pela falta de mão de obra com qualificação", afirma. Para melhorar a remuneração, Raphael buscou a graduação, até por perceber que em seu campo falta profissional qualificado. "O título de um curso técnico é um facilitador para entrar no mercado, mas quem almeja crescimento tem que fazer também uma graduação. Mas, na minha área, o título acadêmico sozinho também não muda muita coisa. É preciso ter o conhecimento específico em alguma tecnologia, e é claro, experiência."

GANHOS VÃO MUITO ALÉM DA REMUNERAÇÃO

A pesquisa Você e o Mercado de Trabalho, realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) em 2008, também revela a estreita relação entre educação e ascensão social, mas para isso é preciso ir além dos ensinamentos fundamental e médio. Enquanto a taxa média de ocupação de uma pessoa que nunca estudou é de 59%, o índice chega a 90% para brasileiros com 18 anos de estudo.

A pós-graduação lato sensu é um exemplo. Avaliação da Fundação Dom Cabral (FDC) com a turma do Programa de Especialização em Gestão revelou que 51,2% dos alunos tiveram ganhos financeiros com o investimento em formação. Mais do que isso, 54,4% declararam ganhos com reconhecimento no mercado e 62,2%, com possibilidade de desenvolvimento na carreira. A mudança de atitude, aquisição de competências como gestor e a aplicação de conhecimentos e habilidades, entretanto, foram os critérios mais bem avaliados pelas turmas, pelo menos

por mais de 70% delas.

Para a especialista em sistemas e processos Elizângela Regina de Magalhães Pinto, de 30, que depois da especialização em gestão com ênfase em logística começou a de finanças, também na FDC, o aprofundamento nos conceitos a ajudaram a conquistar um melhor espaço na empresa. "Tive mais subsídios para implementar soluções novas no trabalho; isso favoreceu meu reconhecimento." Para a profissional, que sempre investiu em formação – antes ela fez curso técnico em informática no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet) e a graduação em administração na UFMG –, os novos títulos valeram uma posição mais crítica e uma condição de lidar melhor com os processos. "O que aprendi no curso técnico me ajuda muito e com a graduação tenho chance de ver como são os processos. Mas é com a especialização que se aprende mais a parte teórica, ganhando mais embasamento para o trabalho."

EDÉLIO FERREIRA/EM/D.A.PRESS



“O que aprendi no curso técnico me ajuda muito e com a graduação tenho chance de ver como são os processos. Mas é com a especialização que se aprende mais a parte teórica, ganhando maior embasamento para o trabalho”

■ **Elizângela Regina de Magalhães Pinto**, especialista em sistemas e processos

